

LEIO PARA QUE LEIAS: LITERATURA HISPÂNICA ON-LINE PARA DEFICIENTES VISUAIS

Marcus Vinícius Liessem FONTANA*

ABSTRACT: The project Beyond Vision aims to create ways for the visually impaired people access information, culture, leisure and learning online, especially with regard to the Spanish language. This big activity, from the perspective of Activity Theory, is divided into several smaller actions (Engeström, 1999), among which stands out Hispanic Virtual Audio Library, whose goal is to provide to the visually impaired people, audio files with readings of important literary texts in Spanish that can help them with their learning process. In this paper, I explain what is visual impairment, what are its characteristics and needs, and then I try to demonstrate how Activity Theory can help to understand the process of developing actions and tools that help to mediate the learning of this specific audience. Finally, I explain about the structure of the Audio Library, presenting what is being done and what remains to be done in this field.

KEYWORDS: Hispanic Virtual Audio Library; Activity Theory; visually impaired people; learning process; Spanish language.

1. Introdução

Se você tivesse a oportunidade de montar um curso em EaD acessível a pessoas com deficiências, você o faria? Sim? Creio que a maioria das pessoas responderia positivamente a essa pergunta, pelo menos num primeiro impulso. Não se trata de uma questão humanitária, não é favor e tampouco caridade, é a simples observância ao fato de que, perante a lei, todos somos iguais e, portanto, temos os mesmos direitos. Elaborar um curso em EaD sem a preocupação com os elementos visuais (vídeos com LIBRAS, por exemplo), que auxiliarão a quem tem deficiência auditiva, ou sem os elementos auditivos (vídeos com audiodescrição, por exemplo), que auxiliarão a quem não enxerga – e isso para colocar apenas duas situações –, é negar o acesso à informação e barrar o avanço intelectual dessas pessoas; é, em última instância, um cerceamento de direitos.

Lógico que não podemos ser ingênuos: no final das contas, criar um curso totalmente acessível demanda tempo e dinheiro. Certamente, em parte é por isso que em pesquisa realizada pela Revista e-Learning Brasil (<http://www.elearningbrasil.com.br/>), em novembro de 2009 (Figura 1), 70% das instituições pesquisadas, “optaram” – essa é exatamente a palavra utilizada – por não criar cursos on-line acessíveis; entre os 30% restantes, apenas 13% desenvolveram cursos totalmente acessíveis, enquanto as demais se preocuparam com deficiências específicas. Talvez seja ainda mais impressionante, contudo, saber que entre aquelas 70% iniciais, apenas 55% têm alguma intenção de trabalhar com acessibilidade nos próximos anos (Figura 2).

Essa é uma pesquisa que se repete anualmente desde 2006. A boa notícia poderia ser que, naquele primeiro ano, a porcentagem dos despreocupados com a questão da acessibilidade era de impressionantes 82%, o que nos daria uma perspectiva otimista – sem nenhuma base estatística, é verdade – de que nesse ritmo dentro de uns 18 anos todos os cursos em EaD disponíveis seriam acessíveis. Se observarmos as pesquisas após 2006, entretanto, veremos que em 2007 a porcentagem despencou para 73% e desde 2008 ela foi

* Mestre em Letras – Lingüística Aplicada; Universidade Federal de Santa Maria (RS).

para 70%, número que, como vemos, se mantém nesta edição de 2009. Não há motivos para comemorações, portanto.

A acessibilidade em cursos on-line, especialmente no que diz respeito a pessoas com deficiência visual, é um tema que me preocupa há algum tempo, desde que em 2004 comecei a colaborar com o professor Elton Vergara Nunes no extinto projeto Audioteca Virtual de Letras da Universidade Federal de Pelotas. Durante os anos 2007 e 2008, aprofundi-me ainda mais na questão, tendo o tema como foco central de minha pesquisa de mestrado. Neste ano de 2010, como Professor Assistente da Universidade Federal de Santa Maria, tive a oportunidade de, dentro de um projeto maior envolvendo ensino-aprendizagem on-line de língua espanhola para pessoas com deficiência visual, chamado Além da Visão, retomar a ideia da Audioteca, que basicamente envolve a gravação em áudio de textos literários e sua disponibilização na Internet para que pessoas com deficiência visual tenham o merecido acesso à informação e à cultura.

É sobre esse trabalho que discorro nas próximas páginas. Num primeiro momento, trato de situar o leitor no universo da deficiência visual, explicando o que é e quais são suas características e suas necessidades específicas. Em seguida, esboço em rápidos traços a ideia geral do projeto a que se vincula a Audioteca e seu funcionamento do ponto de vista da Teoria da Atividade, teoria esta gestada a partir dos estudos do psicólogo russo Lev Vygotsky. Finalmente, explico o funcionamento da Audioteca e sua importância no contexto maior do projeto que desenvolvo, para concluir abordando alguns aspectos que ainda estão em estudo e que deverão ser aprofundados com o tempo.

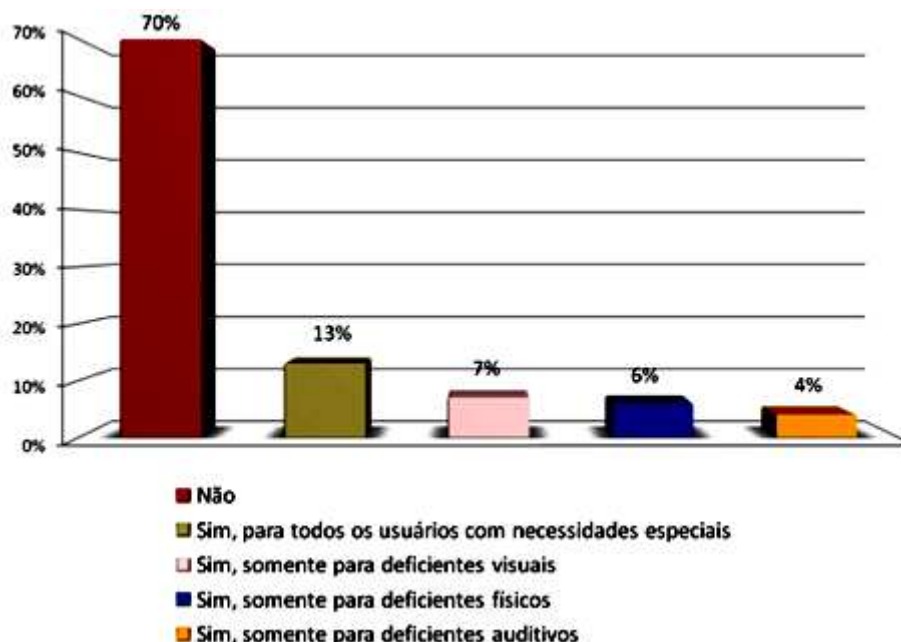


Fig. 1: Desenvolvimento de cursos on-line acessíveis (fonte: e-Learning Brasil)

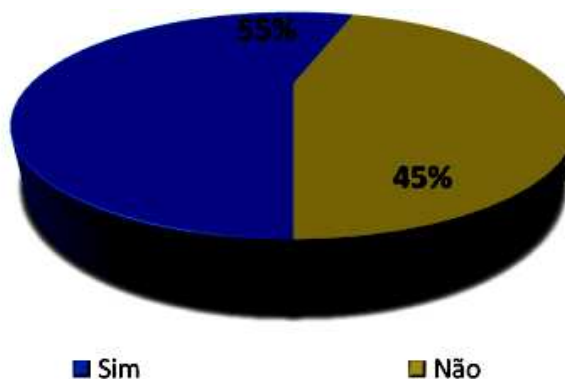


Fig. 2: Acessibilidade futura nos projetos de e-learning (fonte: e-Learning Brasil)

2. Deficiência visual: entre mitos e fatos

Shakespeare descreve o Conde de Gloucester, cego como punição por adultério, como totalmente dependente, facilmente enganável, deprimido e miserável. Victor Hugo, em *O Homem que Ri*, refere-se á garota cega Déa como capaz de êxtase e profunda harmonia com Deus, como se estas qualidades fossem peculiares à cegueira. Para alguns escritores, a cegueira representa um prejuízo total; para outros, pureza e liberdade da contaminação do mundo visual. (AMIRALIAN, 1997, p.27)

Começo esta seção com a citação de Amiralian para refletir um pouco sobre o imaginário que se tem criado ao longo do tempo a respeito dos cegos e para traçar um paralelo entre ficção e realidade no que se relaciona à deficiência visual. Seja na tradição popular, seja na literatura, o cego tem sido sempre representante de extremos: o sub ou o super-humano. No final das contas, portanto, abaixo ou acima da humanidade, nunca incluído, nunca partilhando o mesmo status. A mesma autora cita um interessante estudo de Deborah Kent (1989), *Shackled Imagination: Literary Illusions About Blindness*, que confirma essa visão através de análises literárias de obras dos séculos XIX e XX, e demonstra que essa crença tem suas raízes fortemente assentadas no inconsciente coletivo de Jung.

Contrariando o mito e apesar das evidentes dificuldades, as pessoas cegas ou com diferentes níveis de deficiência visual têm se mostrado gradativamente mais integradas e participativas na vida social e econômica da aldeia global. Perry (2003) faz um apanhado geral de boas iniciativas que se estão disseminando pela Ásia e pelo Pacífico, criando as condições necessárias para que pessoas com deficiências tenham acesso à educação e a um trabalho digno. Outro caso importante de se mencionar é o da Espanha, país que se destaca na Europa pela atuação da ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles), instituição que coordena a Loteria Nacional e desenvolve iniciativas de peso na defesa dos direitos de seus representados. Há ainda dados da OMS que dão informações semelhantes a este respeito em outras partes do mundo: Estados Unidos, Canadá, países da África e, claro, da América Latina e do Caribe. Dussan (2004, p.69), por exemplo, ao tratar da situação social das pessoas com diferentes tipos de deficiência na Colômbia, menciona que “as pessoas com deficiência visual são as que obtiveram maiores avanços no que diz respeito à participação política”. Segundo Massiah (2005, p.59), “a conscientização das questões relativas a deficiências se ampliou na região da América Latina e do Caribe na última década”. O autor chama a atenção, porém, para o fato de que, independentemente da idade, as pessoas com deficiências diversas “apresentam níveis mais baixos de participação na força de trabalho e ganham menos do que

seus pares não-portadores de deficiências”, muito embora, entre os primeiros, pessoas com deficiência visual “apresentam o nível mais elevado de participação” no mercado de trabalho (MASSIAH, 2005, p.64).

Entre os mitos que colocam os cegos como uma categoria à parte da humanidade e os dados científicos que apontam para uma paulatina inclusão dos deficientes visuais como membros participativos e produtivos da sociedade, é fundamental deixar claro que o processo inclusivo não acontece sem alguma – ou muita – dificuldade. Como se pôde ver na introdução deste artigo e mesmo pelos comentários de Massiah, ainda há um longo caminho para que os recursos que hoje são fartamente disponíveis a qualquer pessoa vidente ou normovisual possam estar completamente acessíveis a quem não enxerga. Para que isso seja possível, entretanto, é necessário um trabalho intenso de divulgação e debate para que mais pesquisadores tenham conhecimento desta realidade e possam prestar sua colaboração, afinal, é do discernimento e da compreensão que surgem os subsídios para que possamos chegar à ação concreta transformadora. Em virtude disso, nos próximos parágrafos, abordo algumas questões práticas sobre o que é deficiência visual e sobre suas necessidades.

Segundo Amiralian:

Um conceito aceito há muito tempo (Lowenfeld, 1950) e aprovado pela OMS em 1972, diz que cegos são aqueles que apresentam acuidade visual de 0 a 20/200 (enxergam a 20 pés de distância aquilo que o sujeito com visão normal enxerga a 200 pés), no melhor olho, após correção máxima, ou que tenham um ângulo visual restrito a 20° de amplitude. (AMIRALIAN, 1997, p. 30)

De forma mais detalhada, Mon (1999) esclarece que a cegueira total corresponde à completa perda da capacidade de enxergar; é a incapacidade de distinguir entre luz e escuridão. Em Oftalmologia, também é chamada visão zero ou amaurose. Menos severa, a baixa visão ou visão subnormal cobre uma ampla gama de possibilidades, englobando desde aquelas pessoas que tem uma pequena percepção das variações luminosas do ambiente, passando por aquelas que percebem vultos, até aquelas que, com lentes especiais, conseguem identificar formas e cores suficientemente próximas. Barraga (1985) utiliza a expressão *visão residual* para esse grau de deficiência e acrescenta o conceito de *visão parcial*, em que estariam incluídas aquelas pessoas que utilizam a visão para todas as suas tarefas cotidianas, mas que apresentam pequenas dificuldades que são corrigidas com o uso de lentes em tarefas pontuais como consultar uma lista telefônica ou as legendas de um mapa, por exemplo.

A visão subnormal, ainda segundo Mon (1999), pode ser caracterizada segundo dois critérios: diminuição da acuidade ou agudeza visual, e recorte no campo de visão. A baixa visão por diminuição da acuidade visual é detectada quando uma pessoa apresenta menos de três décimos de percepção de luz em seu melhor olho. É o que corresponde à proporção de 20/200 explicada por Amiralian. Com relação à baixa visão por recorte no campo visual, por sua vez, que corresponde a menos de 20°, Mon (1999) deixa mais claro ao explicar que uma pessoa na plenitude de sua visão possui 90° de visão lateral externa (ou temporal), 60° de visão lateral interna (ou nasal), 50° na parte superior e 70° na inferior.

Com essas características, quando se trata de lidar com microcomputadores, é evidente que tanto cegos como pessoas com visão subnormal necessitam de ferramentas especiais. Dependendo do nível de deficiência visual, os recursos existentes em páginas acessíveis, que permitem, por exemplo, ampliar o tamanho da letra, pode ser auxílio suficiente. Quando a deficiência é severa, entretanto, somente através de leitores de tela torna-se possível o acesso à informação na rede mundial de computadores (SANTAROSA e SONZA, 2003, p.3). No mercado atual há já vários softwares deste tipo. Seu trabalho é converter em voz o que a tela apresenta em forma de texto e isso o fazem através de síntese de voz, ou seja, sistemas

informatizados que simulam a voz humana. Evidentemente, existem leitores de tela para todos os gostos e bolsos. A UFRJ, por exemplo, há alguns anos distribui gratuitamente o leitor DOSVOX, desenvolvido totalmente naquela instituição. Apesar de ser uma boa alternativa, não se pode negar que o software tem suas restrições. Em pesquisa que realizei no ano de 2008, com 36 pessoas com deficiência visual, usuárias de Internet, mais de 90% delas apontaram o software JAWS como o melhor em termos de qualidade de síntese de voz – entenda-se que suas “vozes” e seu ritmo de fala são mais próximos aos humanos, menos mecânicos – e de recursividade. Este, entretanto, é produzido por uma empresa norte-americana e seu custo é bastante alto, especialmente para o usuário privado.

Apesar da qualidade crescente dos leitores de tela, minha pesquisa apontou que 100% das pessoas entrevistadas ainda preferem a leitura humana à leitura por sintetizador. Entre as justificativas para tal preferência, encontramos expressões como “leitura mais leve”, “é possível notar a emoção na voz de quem lê”, “o calor da voz humana nunca poderá ser substituído” etc. Obviamente que entre uma simples leitura de instruções em uma página de Internet, como os comando de um menu, por exemplo, e a leitura de um texto literário há uma distância abissal em termos de necessidade de inflexão e emoção na voz. Para dar conta da parte literária do curso desenvolvido pelo projeto Além da Visão, portanto, é que surgiu a ideia de implementação de uma audioteca. Mais adiante, explico seu funcionamento e suas características essenciais. Antes, contudo, abro espaço para um preâmbulo necessário em que apresento como se constitui o projeto como um todo e sua elaboração a partir dos pressupostos da Teoria da Atividade.

3. Vygotsky explica!

Toda e qualquer atividade humana visa a um objetivo concreto e para lográ-lo, nós, seres humanos, nos utilizamos de determinadas ferramentas ou artefatos de mediação. Essas ferramentas nos permitem interagir com o meio, influenciá-lo, modificá-lo e, em última instância, sermos modificados por ele. Essa é, evidentemente, uma simplificação radical do conceito geral da Teoria da Atividade (TA), mas é suficiente para dar uma noção básica dos elementos fundamentais que a compõem: o sujeito, o objeto e a ferramenta mediadora (ENGESTRÖM, 1989).

Segundo Engeström (1999), essa teoria nasceu a partir dos estudos do psicólogo russo Lev Vygotsky, preocupado em investigar e analisar os comportamentos individuais à luz da interação do sujeito com o meio. Para Vygotsky, considerado o fundador da Primeira Geração da TA, o sujeito seria um produto cultural da sociedade em que está inserido. Sua grande contribuição seria o conceito de mediação, que propõe que toda ação humana é mediada por uma ferramenta ou instrumento. Wertsch (1999, p.88) recorda que um exemplo dado por Vygotsky a respeito desse processo de mediação é o da criança que aprende a contar: para fazê-lo, ela primeiro se utilizará de ferramentas, como gravetos, pedrinhas ou mesmo os próprios dedos. Com o tempo, a criança poderá se livrar dessas ferramentas externas, pois haverá internalizado o processo.

Continuando a tradição de Vygotsky e aprofundando seus estudos, Leontiev abriu passo à chamada Segunda Geração da TA, com o conceito de estrutura hierárquica. Segundo esse conceito, a atividade humana se apresenta dividida em três níveis: atividade, ação e operação. Jonassen e Rohrer-Murphy (1999) explicam que a atividade é o nível mais amplo, orientado a um objeto, objetivo ou meta. É o ponto onde há a mais alta exigência da consciência, muitas vezes com planejamento em longo prazo e análise de múltiplas variáveis. Para que uma atividade seja levada a cabo, o ser humano necessita realizar várias pequenas ações, ou seja, uma atividade é composta por múltiplas ações, que exigiriam um nível menor

de interferência da consciência, como em pequenas decisões momentâneas. As operações, por sua vez, seriam a série de realizações inconscientes, meramente mecânicas, determinadas pelas condições a que está sujeita a atividade que se quer realizar. Logicamente, a mudança hierárquica é possível. Ações repetidas continuamente acabariam por se automatizar e converter-se em operações.

Já a nova geração da TA, a terceira, composta por pesquisadores como o próprio Engeström, Cole, Wertsch e Daniels, entre vários outros nomes de indiscutível importância, estendem sua preocupação à forma como as redes de atividades interagem entre si. Entendem que duas atividades diferentes e mesmo com objetos diferentes do ponto de vista de seus sujeitos, poderiam compartilhar determinadas ações e interagir. De maneira substancial, seus estudos penetram os domínios do Pensamento Complexo, aparato teórico que tem como um dos principais representantes o filósofo francês Edgar Morin e que, em última análise, trabalha justamente com a complexidade dos sistemas de atividades, sua formação, os elementos desestabilizantes e as múltiplas variáveis que podem afetar tais sistemas (MORIN, 2007).

Mas qual é a relação do projeto Além da Visão com a Teoria da Atividade?

Ora, como toda atividade humana, o projeto visa a um objeto – ou meta – concreto, que é criar a oportunidade para que pessoas com deficiência visual tenham acesso a um curso on-line de língua espanhola. Esta é a grande atividade a que está voltado o projeto. Dentro desta grande atividade, ações menores se desenvolvem a fim de compor o todo. Como se pode ver pela Figura 3, a página inicial do projeto (<http://w3.ufsm.br/alemdavisao/>) apresenta vários enlaces para temas que podem ser de interesse do público visado. Há um enlace para notícias envolvendo questões sobre deficiência visual, outro para os perfis e as publicações dos membros da equipe ao redor desta temática, um terceiro com enlaces externos a páginas importantes como a do Instituto Benjamin Constant e a da Fundação Norina Dowill para Cegos. O centro do menu, entretanto, é ocupado pelos dois enlaces principais: Curso de Espanhol e Audioteca. Metaforicamente, podemos pensar que cada um desses enlaces corresponde a uma ação que está em marcha para dar conta do todo da atividade.

Ainda pensando dentro dos parâmetros da TA, para construir o objeto desta atividade, que é o ensino-aprendizagem de língua espanhola on-line para deficientes visuais, as ferramentas de mediação são elementos essenciais. Como visto anteriormente, a interação do deficiente visual com o computador se dá basicamente através dos softwares de leitura de tela. Podemos pensar que esta é sua ferramenta de mediação primária, uma vez que se configura, na verdade, como uma extensão do corpo do usuário, sem a qual a interação seria impossível. Outras ferramentas, entretanto, são indispensáveis para que se possa dar esse processo de ensino-aprendizagem, como os recursos disponíveis na página do projeto: textos escritos (que serão lidos pelos leitores de tela), arquivos de áudio, imagens audiodescritas, exercícios interativos etc. Todas essas ferramentas medeiam a relação entre o estudante com deficiência visual e a língua meta. Além disso, o trabalho de tutoria, que desenvolve interações fundamentais para o avanço dos aprendizes, tem um peso indiscutível e apresenta características muito especiais (FONTANA, 2009), cujos diferentes aspectos, claro, não serão discutidos neste artigo devido à complexidade e à extensão do tema.

Como se sabe, entretanto, a língua não é apenas um conjunto de palavras; é um complexo de cultura, sociedade, historicidade e muitos outros elementos humanos variáveis, intrincados e profundos que podem determinar, em certo momento, o êxito ou o fracasso de uma situação comunicativa (FERNÁNDEZ, 2004; MARTÍN, 2004). Ao considerar esses conceitos, uma das ações do projeto Além da Visão passou a ser justamente a construção de uma audioteca, cujo objetivo é situar o estudante no processo evolutivo da língua espanhola

através de seus autores mais destacados, gerando um processo de ambientação à língua meta. Na próxima seção, comento a estrutura da Audioteca e suas características.



Fig. 3: Página principal do projeto Além da Visão

4. Se eu leio, tu lêes, ele lê... todos lêem!

Em primeiro lugar, é importante deixar claro o que é uma audioteca.

O conceito original de *biblioteca* é claro para qualquer pessoa, pois historicamente faz parte do nosso cotidiano há séculos, senão, há milhares de anos. Desde a Biblioteca de Nínive, do rei Assurbanipal, na Mesopotâmia dos anos 600 a.C., passando pela famosíssima Biblioteca de Alexandria, dos anos 300 a.C, até chegar às moderníssimas bibliotecas 2.0, que integram estantes de livros com alta tecnologia, a referência à palavra biblioteca encontra um elemento de fácil acesso no imaginário das pessoas (CANFORA, 1998; BATTLES, 2003).

As audiotecas, pois, seguem princípio semelhante. A grande diferença é que ao invés de volumes impressos de livros, guardam e permitem acesso a arquivos de áudio, gravados em diversos formatos. Há ainda grandes acervos de fitas cassete (mídia magnética) que aos poucos têm sido substituídos por arquivos em mídia digital. Em muitos lugares, hoje em dia, as gravações aproveitam-se totalmente das modernas tecnologias, sendo disponibilizados a seus usuários em CDs. Independente da mídia, estes são os conhecidos audiolivros, muitas vezes narrados por pessoas famosas e vendidos, inclusive, nas estantes das grandes livrarias do mundo. No Brasil, o Instituto Benjamin Constant (IBC), pioneiro no assunto, vinculado ao Ministério da Educação, tem uma audioteca organizada há mais de 40 anos. Outras instituições, como a já mencionada Fundação Norina Dowill para Cegos e a Audioteca Sal e Luz desenvolvem trabalho semelhante (FONTANA e VERGARA NUNES, 2005).

Surgida no ano de 2004, a Audioteca Virtual de Letras (AVL) tinha por objetivo transpor para o ambiente da Internet a disponibilização de audiolivros, democratizando e facilitando seu acesso, afinal, são poucas as cidades do país que podem contar com uma

audioteca fisicamente instalada e em muitos lugares as pessoas com deficiência visual precisam contar com a boa vontade de amigos que leiam para elas ou contentar-se com o som mecanizado dos softwares com síntese de voz (FONTANA e VERGARA NUNES, 2005). Infelizmente, por problemas administrativos, a AVL durou apenas dois anos, concluindo suas atividades em 2006.

Funcionando nos mesmos moldes da sua predecessora, a *Audioteca Virtual Hispánica* (AVH) utiliza uma página do sítio do projeto Além da Visão para disponibilizar arquivos de áudio lidos por voluntários e gravados em formato mp3, de tal forma que qualquer pessoa com deficiência visual, no Brasil e no resto do mundo, tem acesso a essas leituras na comodidade de sua própria casa. Para chegar a isso, entretanto, o processo todo envolve quatro etapas: seleção dos textos, gravação, edição e, finalmente, postagem dos arquivos de áudio na página.

A seleção dos textos é realizada por uma estudante da Licenciatura de Língua Espanhola da Universidade Federal de Santa Maria, que é monitora de Literatura de Língua Espanhola e participa de outros projetos nesta área. Seu trabalho envolve delicada pesquisa histórica para selecionar os autores mais significativos de cada período da literatura espanhola e hispano-americana. Selecionados os autores, passa-se a uma seleção de seus textos mais significativos. No momento, essa seleção concentra-se exclusivamente em poemas e contos curtos. Com o tempo, porém, a equipe espera poder realizar leituras de romances inteiros. A estudante que colabora nesta área, também escreve pequenas resenhas biográficas que põem o leitor em contato com os fatos mais importantes das vidas dos autores, bem como com o momento histórico em que viveram.

Um aspecto fundamental no processo de seleção dos autores tem sido o respeito à atual Lei de Direitos Autorais, a lei 9610/98. Segundo esta lei, estão livres de direitos autorais obras escritas por autores que tenham falecido há pelo menos 70 anos. Conta-se este período a partir de 1º de janeiro do ano subsequente à morte do autor (POLI, 2008, p.51). Em seu artigo 46, inciso IX, entretanto, fica definido que não caracteriza ofensa aos direitos autorais, mesmo em se tratando de obras atuais, sua reprodução para uso exclusivo de deficientes visuais (POLI, 2008, p.70). A única maneira de garantir acesso on-line exclusivo a deficientes visuais, porém, é a criação de um cadastro e de senhas de acesso, o que determina algumas dificuldades em termos de acessibilidade, por isso, estas obras ainda estão fora do projeto. Ainda assim, há uma grande expectativa com relação à consulta pública que o governo federal está realizando a respeito desta lei. Uma nova proposta de redação cria a possibilidade de que, para fins educativos, independente do público, haja a quebra dos direitos autorais, porém ainda existem várias discussões ao redor do tema e nada está definido.

Selecionados os textos, estes são distribuídos entre os leitores voluntários e uma vez por semana a equipe se reúne em um laboratório informatizado de linguística da UFSM para realizar as gravações. É importante deixar claro, aqui, que *lector* é a palavra consagrada para definir a pessoa que lê para os deficientes visuais (FONTANA e VERGARA NUNES, 2005). Os leitores do projeto são todos estudantes de língua espanhola da universidade e trabalham voluntariamente. Toda sessão de gravação é acompanhada pelo coordenador do projeto, que dá atenção especial aos aspectos fonéticos para que as pessoas que escutam os áudios mais tarde tenham acesso a material de qualidade e possam utilizá-lo como referência em seus estudos de língua espanhola. Em geral, os voluntários gravam os mesmos textos várias vezes, para que se tenha material suficiente para selecionar as melhores gravações e fazer edições, se necessário.

A quarta etapa é justamente a edição do material. Cada texto lido é escutado várias vezes a fim de se selecionar a melhor gravação. Quando há necessidade, partes de diferentes arquivos são mescladas e editadas de tal forma que se tenha uma leitura bem feita e de

agradável audição. Além disso, ao princípio e ao final de cada arquivo de áudio é acrescentada uma pequena vinheta que funciona mais ou menos como as capas de um livro, marcando início e fim da leitura. Este trabalho de edição é realizado através do software Audacity (<http://audacity.sourceforge.net/?lang=pt>), um software gratuito que tem funcionamento similar ao de um gravador comum, com teclas para gravação, execução, pausa, além de permitir a edição de forma extremamente simples, inclusive com recursos de recortar e colar, a exemplo dos processadores de textos mais usados atualmente.

A etapa final é a disponibilização dos arquivos. Na página da Audioteca, os autores são organizados em ordem alfabética. Ao clicar no nome do autor, o usuário tem acesso a uma nova página em que aparecem enlaces, primeiro, para a resenha biográfica do autor, e, logo abaixo, seus textos com os títulos em ordem alfabética. Ao clicar em qualquer dos enlaces, o usuário pode escutar o áudio desejado ou mesmo baixá-lo para seu computador para escutá-lo quantas vezes quiser, e isso de forma totalmente gratuita.

Assim funciona, portanto, a ação *audioteca* dentro da atividade *aprendizagem de língua espanhola* do projeto Além da Visão. Evidentemente, o projeto todo ainda está em fase inicial, pois começou a tomar forma apenas agora no ano de 2010. Há muito que fazer ainda e nas considerações finais abordo um pouco essas possibilidades e perspectivas.

5. Considerações finais

Conforme visto até aqui, a *Audioteca Virtual Hispánica* segue os princípios da Teoria da Atividade no sentido de que fornece ferramentas para que os estudantes possam aprofundar seus estudos de língua espanhola. Conforme Wertsch (1999, p.58-60), a palavra é uma ferramenta de mediação importante e o fato de os alunos terem acesso a estes áudios com textos literários certamente os ajudará a desenvolver melhor seus estudos sobre a língua. Neste sentido, os leitores são elementos de fundamental importância por proporcionarem uma forma de interação com a língua que mesmos os melhores leitores de tela não podem fazer, uma vez que lhes falta o calor e a emoção próprios da voz humana, conforme já discutido.

Com relação às perspectivas, uma parte da expectativa descansa sobre as discussões da nova Lei de Direitos Autorais. No momento, autores importantes, como Neruda, Benedetti e Borges não estão presentes na página, pois seus textos ainda estão protegidos pela lei. Espera-se que a nova redação abra a possibilidade de que textos mais modernos possam estar acessíveis aos interessados. Outro aspecto importante é com relação à inclusão de textos em outras línguas, inclusive o português. Por enquanto, a *Audioteca Virtual Hispánica* é a única existente dentro do projeto, já que dá suporte ao ensino-aprendizagem de língua espanhola. Com o tempo, entretanto, espera-se poder abrir outros espaços para que as pessoas com deficiência visual tenham acesso a autores de várias partes do mundo, lidos, preferencialmente, em suas línguas originais e em português concomitantemente.

Com isso, abrem-se novas e importantes possibilidades para esse público. Se é fato que a leitura amplia horizontes e ajuda a desenvolver o pensamento crítico, entre vários outros fatores cognitivos (JOUVE, 2002), não podemos esquecer que para quem não enxerga essa é uma das poucas formas de acesso à literatura, excetuando-se os livros em braille, em geral, escassos, caros e pesados. A ampliação das pesquisas neste campo e novas iniciativas que visem à inclusão de pessoas com todo tipo de deficiência são urgentes e precisam ir gradativamente integrando-se umas às outras, em um processo colaborativo que permita paulatinamente converter em realidade o discurso da igualdade de direitos.

Referências

- AMIRALIAN, M. L. T. M. *Compreendendo o Cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-histórias*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1997.
- BARRAGA, N. *Disminuidos Visuales y Aprendizaje (Enfoque Evolutivo)*. Madrid: ONCE, 1985.
- BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.
- CANFORA, L. *La biblioteca desaparecida*. Gijón: Ediciones Trea, 1998.
- DUSSAN, C. P. *Derechos Humanos y Discapacidad*. Bogotá: Centro Editorial Universidad del Rosario, 2004.
- ENGESTRÖM, Y. *Learning by expanding: an Activity-Theoretical approach to developmental research*. 1989. Disponível em:
<<http://lchc.ucsd.edu/mca/Paper/Engestrom/expanding/toc.htm>>. Acesso em 12.mar.2010.
- ENGESTRÖM, Y. *Learning by expanding: ten years after*. 1999. Disponível em:
<<http://communication.ucsd.edu/MCA/Paper/Engestrom/expanding/intro.htm>>. Acesso em 30.mar.2008.
- FERNÁNDEZ, F. M. El contexto social y el aprendizaje de una L2/LE. In: LOBATO, J. S.; GARGALLO, I. S. (Orgs.). *Vademécum para la formación de profesores*. Madrid: SGEL, 2004.
- FONTANA, M. V. L. *A Língua que não se Vê: o processo de ensino-aprendizagem de espanhol mediado por computador para deficientes visuais*. Pelotas: UCPel. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, 2009.
- FONTANA, M. V. L.; NUNES, E. L. V. Audioteca Virtual de Letras: tecnologia para inclusão. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 3, n. 2, 2005.
- JONASSEN, D.; ROHRER-MURPHY, L. Activity Theory as a Framework for Designing Constructivist Learning Environments. *Educational Technology Research and Development Journal*. Heidelberg, v. 47, n. 1, p. 61-79, mar 1999.
- JOUBE, V. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MARTÍN, J. M. M. La adquisición de la lengua materna (L1) y el aprendizaje de una segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE): procesos cognitivos y factores condicionantes. In: LOBATO, J. S.; GARGALLO, I. S. (Orgs.). *Vademécum para la formación de profesores*. Madrid: SGEL, 2004.
- MASSIAH, E. Deficiência e inclusão: coleta de dados, educação, transporte e desenvolvimento urbano. In: BUVINIC, M.; MAZZA, J.; DEUTSCH, R. (Orgs.). *Inclusão social e desenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MON, F. Algunas definiciones en torno al concepto de discapacidad visual. *Periódico El Cisne*. out 1998. Disponível em:
<http://www.juntadeandalucia.es/averroes/caidv/interedvisual/ftp/fm_alg_definiciones_dvisua1.doc>. Acesso em: 08.jan.2008.
- MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- POLI, L. M. *Direito autoral parte geral*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2008.
- PERRY, D. *Moving Forward: toward decent work for people with disabilities*. Bangkok: International Labour Office, 2003.
- SANTAROSA, L. M. C.; SONZA, A. P. Ambientes virtuais digitais: acessibilidade aos deficientes visuais. *Revista Novas Tecnologias na Educação*. v. 1, n. 1, 2003.
- WERTSCH, J. V. *La mente en acción*. Buenos Aires: Aique Grupo Editor S.A., 1999.